

**INSTITUTO BÍBLICO BETEL E A FORMAÇÃO DE MISSIONÁRIAS
EDUCADORAS COMO ESTRATÉGIA DE EXPANSÃO DO
PROTESTANTISMO NO BRASIL (1934-1968)**

Adriana Oliveira Urban

Mestranda em Educação/ PPGE/UFPB/Bolsista CAPES

oliveiraurban@gmail.com

Este trabalho tem o objetivo de abordar a fundação e desenvolvimento do Instituto Bíblico Betel, escola fundada na cidade de Patos, interior do estado Paraíba, idealizada em 1934, iniciada em 1935 e que em atividade sob administração estrangeira até 1968. Este recorte temporal foi escolhido por ser este período correspondente à primeira fase da instituição, quando era ligada a uma missão canadense. A segunda fase, de administração nacionalizada e hoje denominada de Instituto Bíblico Betel Brasileiro, segue até os dias atuais, não sendo possível abordá-la neste trabalho, por limitações de tempo e espaço de pesquisa e publicação.

O texto aqui apresentado está ancorado no aporte teórico-metodológico da Nova História Cultural, que ampliou o uso de fontes para a historiografia, assim como trouxe abertura para novos sujeitos, objetos e abordagens. Este é um trabalho, portanto, no âmbito historiográfico que visa contribuir com a escrita da História da Educação, especificamente no estado da Paraíba, e também no que tange à história das mulheres, da educação, do protestantismo e, mais detidamente, da educação protestante feminina no nordeste brasileiro.

As principais fontes pesquisadas são boletins de ex-alunas do Instituto Bíblico Betel (IBB), informativos produzidos por elas, o “Livro da Gratidão”, um tipo de álbum de fotos das estudantes e professoras, suas atividades e cotidiano, registros pessoais das alunas, nos quais elas escreveram suas impressões sobre o educandário, além de entrevistas.

Ao longo do texto, através do uso das fontes citadas e do apoio bibliográfico, demonstrar-se-á a intenção das fundadoras de difundir o protestantismo através da obra educacional, o que coincide com várias outras iniciativas semelhantes, e que esta intenção

foi concretizada ao longo das décadas de existência do educandário, haja vista a reprodução e perpetuação da obra protestante pelas ex-alunas do Instituto.

A hegemonia do catolicismo romano se deu por séculos no Brasil. Só em meados do século XIX houve conquistas de liberdades de divulgação da fé pelos protestantes no país. Foi quando se estabeleceu o Protestantismo de Missão, do qual fazem parte as missionárias educadoras que fundaram o IBB, Nellie Ernestine Horne, Kay MacGuirrie e Esther Blowers e outras tantas espalhadas pelo território nacional com a intenção de espalhar a nova religião no país mais católico do mundo.

O avanço do protestantismo foi lento neste país. Mais de um século depois da chegada dos primeiros estrangeiros engajados no Protestantismo de Missão, ou seja, na década de 1980, o Brasil ainda tinha menos de 5% da sua população declarando-se protestante. Só depois daquela década é que se viu esse número crescer consideravelmente o que se tem sido entendido como um resultado do crescimento das igrejas pentecostais e do surgimento das neo-pentecostais.

O cenário encontrado no Brasil pelas fundadoras do Instituto Bíblico Betel, na década de 1930 no estado da Paraíba não era nem de perto parecido com o que se vê atualmente. Havia uma grande resistência à nova religião, ao ponto de se registrarem episódios de perseguição religiosa aberta, com apedrejamento de templos evangélicos e queima de bíblias, e outros eventos violentos (SYLVESTRE, 2014 p. 30).

Em 1934 chegam no porto do Recife duas missionárias solteiras: Kay MacGuirrie e Nellie Ernestine Horne, acompanhadas do casal Paul e Ruth Davidson, também missionários. A equipe fica aproximadamente um ano de residência na capital paraibana para o aprendizado da língua portuguesa. Após esse tempo as missionárias solteiras mudaram-se para o interior do estado, a cidade de Patos, a aproximadamente trezentos quilômetros da capital paraibana, João Pessoa.



FIGURA 1: Missionárias educadoras Kay McGuirrie(à esquerda) e Nellie Ernestine Horne. Foto colada por Ernestine no “Livro da Gratidão”, com data de 1942. Acervo Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

Num contexto claramente machista e resistente ao proselitismo protestante, as educadoras missionárias Ernestine Horne e Kay McGuirrie entenderam que começar um empreendimento escolar seria a melhor maneira de aproximar-se ao povo da cidade de Patos, onde residiam em 1934. “Conversamos e eu concordei com Kay sobre abrir uma escola para preparar meninas era a melhor forma para começar a obra ali.” (HORNE, 1969). Elas foram pioneiras como educadoras missionárias trabalhando no interior da Paraíba naquela década.

Quando se fala em educação protestante, sabe-se que presbiterianos, metodistas, e batistas esviveram entre as primeiras organizações protestantes a inciar escolas privadas não católicas no Brasil, enviar missionários para fundar igrejas em solo brasileiro e junto com as igrejas escolas de ensino regular e também escolas teológicas para formar pastores e missionárias nacionais que ampliariam o trabalho iniciado por eles.

Espalhados pelo Brasil, existem até hoje dezenas de escolas fundadas naquelas primeiras décadas do Protestantismo de Missão, e essas escolas foram inovadoras por já iniciarem suas atividades com classes mistas, com meninos e meninas estudando juntos como já se fazia então na América do Norte. Também se tem notícias de algumas iniciativas para a formação de pastores brasileiros em alguns estados da federação, para que estes pudessem dar prosseguimento à obra iniciada pelos estrangeiros, mas até o início do Instituto Bíblico Betel não existia nenhuma escola voltada à formação de

missionárias na Paraíba. Neste sentido aquelas educadoras de Patos também se tornaram pioneiras.

A década de 1930 no Brasil foi marcante por seus acontecimentos políticos e educacionais, por conseguinte. Neste momento histórico, mais especificamente em fevereiro de 1935 começam as atividades educacionais do Instituto Bíblico Betel. As missionárias educadoras visitavam as poucas famílias protestantes que encontravam, mas não conseguiram formar uma turma para iniciar o curso que gostariam, que exigia o ginásio como pré-requisito. Dedicaram-se então por dois anos a classes iniciais, equivalente ao primário em 1935 e 1936, para só em 1937, na cidade de Mamanguape, iniciarem efetivamente o curso com seis alunas matriculadas em regime de internato. O instituto continuou em Mamanguape até 1941.

Em 1942 o Instituto Bíblico Betel se muda para João Pessoa, onde se fixa, continuando em regime de internato, com pequenas turmas de moças, muitas delas vindas as cidades interioranas da Paraíba e estados vizinhos.

Era evidente no trabalho das educadoras do Instituto Bíblico Betel a importância dada ao letramento e à leitura, questão comum entre as iniciativas protestantes. O reformador Martinho Lutero, muito citado e lembrado pelos protestantes também quando se trata de educação escreveu “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas”, porque para ele “o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando ela tem muitas pessoas bem instruídas, muitos cidadãos sensatos, honestos e bem educados.”(LUTERO, 2000 p. 19).

Conhecidamente valorizadas pelos missionários educadores, as ideias de Lutero se fazem refletir nas diversas iniciativas educacionais protestantes no Brasil. “Além da pregação do evangelho, os protestantes usaram a estratégia de fundar escolas como meio de firmar as raízes evangélicas em terras brasileiras.” (FONSECA, 2010, P. 20). O Instituto Bíblico Betel fundou-se como um núcleo a partir do qual essas ideias foram replicadas. Era preciso, como colocou o reformador e como comunicavam as missionárias educadoras fazer a Bíblia acessível ao povo e para isso, fazia-se essencial alfabetizá-lo. Assim, o IBB formou missionárias que disseminaram a religião protestante e para isso se tornaram elas mesmas educadoras. A educação e a missão protestante estão neste instituto intrinsecamente unidas.

As estudantes eram geralmente encaminhadas para estudar no IBB pelos missionários que trabalhavam na mesma organização: União Evangélica Sul Americana(UESA), que hoje é a *Latin Link*. Vários missionários e missionárias dessa organização faziam conhecido o IBB, durante suas viagens para divulgar a nova religião, eles conversavam com as famílias protestantes e faziam recomendação das futuras alunas para as missionárias educadoras responsáveis pelo instituto. No educandário as moças protestantes tinham a oportunidade de estudar mesmo quando não tinham recursos para isso, pois a UESA enviava ajuda financeira, mas não cobria todos os custos, assim, as próprias missionárias educadoras faziam contato com pessoas que apadrinhavam as estudantes com bolsas de estudos. Entre essas alunas, Josefa Nunes da Silva, natural de Campina Grande, que disse em entrevista:

No final do ano de 1963 recebi uma carta dela(Ernestine Horne) me dizendo: 'Nós conseguimos para você uma família do Canadá que vai dar todo apoio durante o período dos quatro anos que você passará estudando aqui no Betel.' Eu fiquei muito feliz. No início do ano de 1964 preparei minhas malas e fui para o Betel. Estudei de 1954 a 1967. Aquele foi o melhor período da minha vida.(SILVA, 2007)



FIGURA 2: Alunas do Instituto Bíblico Betel, em João Pessoa, usando aventais enviados como doação pela Forward Baptist Church, em Toronto, Canadá. Foto colada no “Livro da Gratidão”, com data de 1942. Acervo Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

As missionárias viajavam periodicamente à América do Norte, Nellie Ernestine Horne era vinculada à Forward Baptist Church, em Toronto, capital de Ontário, no Canadá. De lá trazia doações tanto para as alunas quanto para suas famílias, especialmente roupas. “Minha família era muito pobre, assim como as que moravam em nossa vizinhança, em João Pessoa. Também eram famílias numerosas. As missionárias nos ajudavam trazendo roupas de seus países.” (MELO, 2019).

As alunas tinham uma rotina muito bem definida. Horários para cada atividade: aulas, estudos individuais, refeições e também lazer. A ex-aluna Helena Leandro, assim descreveu a rotina:

Ao levantar, cada uma tinha uma tarefa: varrer os dormitórios, o refeitório, lavar o banheiro, preparar a mesa para a refeição e cada uma tinha seu dia determinado para lavar as roupas pessoais de cama. Depois desses afazeres, tocava novamente a campainha, era a hora do café, todas vinham ao refeitório uniformizadas, prontas para assistirem às aulas. Depois de cada refeição, eram escaladas três alunas para lavar a louça. À tarde as alunas se espalhavam pela casa para formar grupos de estudos para pedir explicações às alunas mais antigas. À noite, depois do jantar, era hora da banca de estudos. (LEANDRO, 2007).

Além de componentes curriculares como Aritmética, História Universal, Língua Portuguesa, elas cumpriam as disciplinas de Evangelismo Infantil e Classe Bíblica, por exemplo, nas quais eram ensinadas a comunicar as histórias bíblicas para as crianças. Elas também eram ensinadas a confeccionar as lições com cartazes desenhados para ilustrar as histórias. Nellie Ernestine Horne, que permaneceu mais tempo como diretora do IBB, desenhava e ensinava as estudantes a fazer o mesmo, pois não havia material didático para essas aulas infantis como era comum nos países norte-americanos dos quais as missionárias educadoras vinham.

MATÉRIA	Nota
Análise	95
Síntese	95
Doutrina	95
História Eclesiástica	95
Homilética	84
Lição Dominical	87
Evangelização das Crianças	86
Música	84
Português	90
História da Civilização	100
Aritmética	89

Média 86
Lugar 3º

Roy MacGarrin
Diretor

FIGURA 4: Boletim de notas de 1946 da então aluna Maria Figueiredo. Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna.

O ensino infantil foi o grande foco das estudantes do instituto. Elas formavam classes bíblicas em vários bairros da cidade de João Pessoa. Iam, geralmente uma vez por semana, a residências de convertidos ao protestantismo, a igrejas ou mesmo ao ar livre e ali realizavam as aulas bíblicas. “Era um momento especial e esperado, quando as betelistas chegavam para ensinar às crianças. Todas esperávamos ansiosas por essas aulas. Tive o privilégio de participar das classes que aconteciam na frente da minha casa.” (MELO, 2019), conta a ex-aluna do IBB Catarina Pessoa de Melo, sobre sua infância, quando conheceu as então estudantes do instituto, na década de 1950. Ela estudou no IBB e se formou no ano de 1968.

Os laços entre o Instituto Bíblico Betel e a Aliança Pró-Evangelização das Crianças (APEC) era estreito. Esta organização se dedicava a formar professoras para as escolas bíblicas das igrejas protestantes e distribuir material para seu uso. Até hoje em atividade no Brasil, tinha alcance em vários estados da federação. Ela foi fundada pelo casal Harry e Frida Briault, que eram missionários da citada UESA, da qual as educadoras do IBB também faziam parte. Este casal encaminhou várias alunas ao instituto em João Pessoa, facilitando o acesso delas ao internato do IBB e também buscando apadrinhamento que custeassem seus estudos. Além disso, algumas alunas também

realizaram o curso oferecido pela APEC, o que reforçou a formação de classes bíblicas de crianças por estas estudantes.

Tanto na abordagem de crianças quanto na de adultos para a comunicação da mensagem da sua religião, as moças eram comumente acompanhadas por alguma professora. Doris Woodley, que chegou já na década de 1940, era uma das que mais acompanhava as alunas nessas ocasiões em que elas colocavam em prática os ensinamentos dos componentes curriculares como “Evangelismo”. O ensino tinha como objetivo a prática do proselitismo, era o alvo das alunas que, ao buscarem esta instituição, buscavam esta vivência.

A ex-aluna Maria Guedes de Figueiredo, formada em 1948, explica como as próprias estudantes buscavam a oportunidade de divulgar a mensagem estudada e à qual se dedicavam: “Um dia eu e Lídia estávamos passando perto da Cadeia Pública. Pedimos para falar com a pessoa responsável e ter uma oportunidade para falar do Evangelho. As portas se abriram para as betelistas. Vários cultos foram realizados lá.” (FIGUEIREDO, 2018).



Figura 3: Uma das turmas de ensino bíblico ensinada por uma estudante do Intitulo Bíblico Betel. Na foto, o registro da data de 1949. Fonte: “Livro da Gratidão”, acervo do Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

Após formadas, parte as moças betelistas eram encaminhadas para igrejas de diversas regiões do Brasil, onde via de regra trabalhavam com educação nas igrejas e nas escolas públicas e privadas. No convite de formatura do IBB de 1959, cerimônia que se realizou na Primeira Igreja Batista de João Pessoa, pois o instituto mantinha atividades conjuntas com diversas denominações protestantes, lê-se que: “Temos 80 diplomadas, na sua maioria ocupadas nas Igrejas ou Estabelecimentos de ensino.”(Convite de formatura, acervo pessoal de Maria Guedes de Figueiredo).

Surgiam muitas oportunidades e convites, pois o Brasil vivia a feminização do magistério naquelas décadas do século XX, assim, as portas das salas de aula estavam abertas para elas, e muitas ingressaram no magistério profissional, não somente de prática eclesiástica, por toda a vida tanto na Paraíba como em outros estados.

Várias continuaram os estudos até concluir cursos universitários, especialmente as licenciaturas e pós-graduações, inclusive na Universidade Federal da Paraíba. Maria Guedes de Figueiredo é uma dessas betelistas. Formada pelo IBB em 1948, além da licenciatura em geografia, fez curso de direito e exerceu tanto o magistério público, como a magistratura, além de dedicar-se ao apoio dos trabalhos de disseminação do protestantismo no sertão da Paraíba.(FIGUEIREDO, 2018).

Além da feminização do magistério, o contexto também era de crescimento das igrejas evangélicas, especialmente no que diz respeito à necessidade de crentes preparadas em seminários para exercerem a função de pastores e missionárias.

A educadora missionária Dorothy Knechtel, que também trabalhou no Instituto Bíblico Betel, registra em seu livro “Terra de Rios Secos”, que narra o trabalho de disseminação do protestantismo no estado do Ceará, cita a experiência vivida durante a fundação de uma igreja em Fortaleza, na década de 1960:

Uma moça formada no Instituto Bíblico veio como professora e foi organizada uma escola para quarenta crianças lá. Algumas das crianças começando no primeiro grau tinham dezesseis anos. Esta escola era um grande ministério e cresceu para abranger três salas e ensinar sessenta crianças. Crianças que receberam o ensino fundamental lá agora são formadas nas faculdades[.].(KNECHTEL, 2006, p. 78)

Também nesta atividade educacional, a betelista Everalda Duarte, formada em 1950, foi chamada pelo casal de missionários Roderick e Isobel Gillanders, que também

cooperavam com o IBB, para auxiliá-los no trabalho de divulgação da fé protestante na cidade de Feira de Santana, Bahia. Quando chegou lá, Everalda foi requisitada pela Igreja Evangélica Unida para organizar uma escola para crianças ali, pois os filhos dos protestantes eram discriminados nas escolas já existentes no município.(SANTOS E SOUZA, 2018. p. 31).

A ex-aluna Donina Andrade, que também se formou em direito na Faculdade de Direito do Recife, se dedicou ao trabalho missionário de forma integral, e fundou em 1953 a revista Vida Cristã, direcionada para mulheres, além de organizar congressos para jovens protestantes, atividade que se disseminou especialmente da segunda metade daquela década. A revista Vida Cristã, dirigida por Donina Andrade a partir do então Distrito Federal, hoje cidade do Rio de Janeiro, também foi meio de divulgação das atividades do Instituto Bíblico Betel, trazendo notícias sobre o cotidiano do educandário, e contando os ‘testemunhos’ de vida das estudantes. O trabalho de Donina repercutiu na revista “The World Evangel”, de setembro 1957. Revista americana que trazia notícias sobre o trabalho missionário protestante no mundo.



FIGURA 6: Donina Andrade, ex-aluna do Instituto Bíblico Betel aparece em destaque na revista “The World Evangel”. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Adriana Oliveira Urban.

São vários os registros e depoimentos em entrevistas de mulheres que estudaram no IBB e dedicaram esforços por décadas para concretizar a intenção para o qual o instituto existiu: disseminar a mensagem protestante pelo Brasil. Algumas delas como Maria da Glória Freitas de Oliveira, que também se tornou advogada, foram além fronteiras, reproduzindo a vivência pioneiras das missionárias educadoras que fundaram o educandário.(OLIVEIRA, 2017)

Esse foi o caso de além disso Assim, este instituto bíblico se apresenta como multiplicador da fé protestante através da formação de missionárias educadoras que atuaram em terras brasileiras e fora delas, propagando a mensagem protestante destacadamente através da educação.

No informativo produzido pelas próprias alunas, “O ESTUDANTE”, em 1948, na página dois, elas descrevem a missão daquele educandário: “Através de alguns anos o Betel vem fazendo uma grande obra na preparação de jovens para o trabalho do Mestre e deseja que elas sigam no percurso de suas vidas o propósito delineado através da Palavra de Deus de acordo com a vocação divina.(...)”.(O ESTUDANTE, acervo pessoal de Maria Guedes de Figueiredo).

Importante sinalizar que os estudos sobre educação protestante no Brasil ainda podem ser considerados escassos. Aqueles que existem são, via de regra, empreendidos pelas próprias instituições protestantes ou por pessoas de alguma maneira filiadas a elas, o que deixa um grande espaço de pesquisa a ser elaborada, ainda mais se for considerada a influência dessas instituições ao longo da história do Brasil e especificamente da História da Educação no país.

REFERÊNCIAS

FONSECA, **Colégio Presbiteriano Quinze de Novembro**. Recife: AGN Gráfica, 2010.

KNECHTEL, Dorothy. **Terra de Rios Secos**. Fortaleza: Princípios, 2006.

LUTERO, Martinho. Carta aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: KAYSER, Ilson(org.). **Martinho Lutero: obras selecionadas**. Vol 5. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995.

SANTOS, Sônia Duarte dos. SOUZA, Everalda Duarte de. **Casa do oleiro. A experiência de duas betelinas: mãe e filha.** Betel Brasileiro Publicações, João Pessoa – 2018.

SYLVESTRE, Josué. **Fatos e personagens de perseguições a evangélicos: antes que as marcas se apaguem.** Campina Grande: Mensagem, 2014.

ENTREVISTAS

SILVA, Josefa Nunes. 2007.

FIGUEIREDO, Maria Guedes. 2018.

MELO, Catarina Pessoa de. 2019.

OLIVEIRA, Maria da Glória Freitas. 2017.